

CARLA

Luciana Borges

“Não: não digas nada/ Supor o que dirá
A tua boca velada/ É ouvi-lo já
É ouvi-lo melhor/ Do que o dirias
O que és não vem à flor/ Das frases e dos dias”.
Fernando Pessoa

Eu que escrevo te digo, toda história começa assim. Só porque Carla tinha os cabelos curtos, comecei a pensar como seriam os cabelos dela longos, pegando um pouco abaixo da cintura. Então, no romance que eu apenas principiara a escrever, surgiu uma menina que tinha acabado de decidir deixar os cabelos crescerem até o dia do casamento, promessa. Carla riu da minha invenção, ela, a cética, que lia todos os meus escritos, minha primeira crítica, meu primeiro elogio, meu primeiro desespero. Carla jamais faria qualquer promessa. Eu não, vivia prometendo tudo, era só algo parecer que não ia dar certo, que um furor promissório me atacava, eu prometia tudo, em troca das coisas mais incríveis, a principal delas era que eu ia me controlar com meu excesso de promessas... Ela riu dessa imensa bobagem, ela e os cabelos curtos sobre o travesseiro. Ria seu sorriso devastador, Raul, primeiro essa história de promessa é ridícula, segundo, promessa para casar é mais ridícula ainda, esse seu romance está começando muito anacrônico, não venderá nada nesses tempos pós-modernos. Eu retruquei sem convicção, dizendo que os tempos eram pós-modernos mas a paisagem do cerrado lá fora ainda conservava muito do que ela julgava perdido, e que isso era muito bom. Onde já se viu não acreditar em mais nada? Não ter um vizinho pra convidar para o aniversário do filho, não saber para onde se mudou o amigo de infância? Além do mais, a ficção reinventa o mundo, minha cara. Ela ria seu riso lindo, sorriso suspenso e autônomo do gato de Alice. Eu continuava a escrever e a projetar longos cabelos.

Entretanto, sem fatos não há história. A cada dia eu tinha a impressão de que rareavam suas visitas ao cabeleireiro e que, sem nada me dizer, Carla resolvera atender ao meu capricho. Eu nada dizia, apenas observava em silêncio os fios cada vez maiores, afinal, eu a amava. Não podia saber que, no fundo, ela zombava de mim, deduzira que eu havia prometido alguma coisa para tê-la com os cabelos longos e resolvera por conta própria fingir que este tipo de coisa valia, só para ter que me ver cumprir: um ano sem ir a estádio de futebol, seis meses sem chocolate, dois meses

sem falar mal dos colegas de trabalho na universidade, um mês sem a cerveja no boteco de sempre.

No tempo em que ela andava nua pela minha casa nos finais de semana, seus cabelos já passavam dos ombros. Curiosamente, comecei a encontrá-los como vestígio de sua passagem recente. No ralo da pia, onde os penteava depois do banho, debaixo da colcha branca, no tapete da sala onde acabávamos de fazer amor. Era sempre uma lembrança agradável um longo fio quase negro brotando de dentro de um livro, de uma aresta de piso, por entre as teclas do computador. Eles eram sua marca e sua presença. Quando ela viajava, eu inadvertidamente começava a procurar estas pistas: será que ela fazia de propósito? Eu, que escrevo, sei o quanto vale uma lembrança. Encontrava-os às vezes nos lugares mais incríveis. Quando ia tomar banho, ao lavar os pêlos do meu sexo adormecido, muitas vezes achava ali um fio dos mais compridos, entremeado como que casualmente, porque na noite a sua cabeça ali havia se debruçado.

Com o tempo, seus cabelos já eram do jeito que eu imaginara, bem abaixo da cintura. Lisos, em contraste com o corpo branco, pareciam mais escuros, embora não fossem negros. Eu me deleitava desfazendo-lhe a trança, ajudando a lavar e pentear, percebendo aqui e ali alguma irregularidade de fios, aconselhando pequenas aparas de retoque, comentando incrédulo que já rompiam a barreira das nádegas. Não raras vezes enrolei-os nos meus braços, nas minhas pernas, dando a volta em torno do sexo, prendia-a a mim pela cintura. Deitando-me sobre eles quando se espalhavam sobre a cama, pairava como um feto ao abrigo do mundo externo ou como um corpo no esquife solitário, ao abrigo da vida. Ela rindo divertida, dizendo que eu ainda não cumprira a promessa. A menina do livro finalmente se casara, mas eu nem me lembrava mais do que havia prometido. Será mesmo que eu havia prometido? Nem disso eu era capaz de me lembrar. Acostumara-me com aquela dedução, não a levava a sério como poderia ser. Perguntei a alguém, longe dela – a irritava-me agora o seu riso, mesmo lindo – Quanto tempo leva um cabelo para crescer? Depende do cabelo, não sei precisar, às vezes meses, às vezes anos. Para a menina do romance demorara anos...

Carla continuava ignorando o cabeleireiro, parecia gostar do jogo. Parecia gostar da minha cada vez maior dependência da sua imagem dentro dos cabelos. Por mais que se perdessem pela casa, mais se avolumavam, sem ao menos fazer lembrar que um dia haviam tido um corte quase masculino. Nós nada dizíamos sobre isso, a vida correndo normalmente. Mas... eu já te disse, repito, sem fatos não há história. E cabelos não poderiam crescer para sempre, não

é mesmo? Foi quando começaram as crises de dor de cabeça, terríveis dores que a impediam de olhar a luz, de fazer sua pesquisa da tese, impediam-na de vir à minha casa, impediam-na de fazer amor comigo. A fala implacável do médico, É urgente cortar esses cabelos, eles pesam demais sobre o crânio. Nosso olhar cúmplice ao sair da sala, seu sorriso pendendo agora de lábios descorados. Não era preciso dizer. Ela sabia que eu já não podia viver sem eles. Eu sabia que nós não poderíamos sobreviver sem eles. Amar é olhar para a mesma direção? Esqueça Saint-Exupéry e sua fantasia de mundo perfeito. Carla olhava para o vazio quando disse Raul...

Percebo que fujo das mínimas coisas. Quando foi que começou isso, essa vontade compulsória de esquecimento, essa fúria diante do inevitável. Será que foi quando chegamos à minha casa, Carla e eu, mudos e extáticos, tendo prometido ao médico pensar sobre o assunto, mas já sabendo que aumentaríamos a dose de analgésicos? E que passaríamos a peregrinar por clínicas de cidade em cidade, para sempre perseguir o esquecimento do que era mais óbvio, as tarjas cada vez mais pretas coroadas as caixas de comprimidos? Quando eram os meses de calor e sol claro, o cerrado secando, à espera da primeira chuva de outubro para rejuvenescer completamente, Carla mal saía do quarto. Eu gastava as horas pesquisando simbologia dos cabelos para um novo romance. Plantei uma mecha de seus cabelos no jardim, a título de ascese.

Percebo que fujo mesmo das mínimas coisas. Apenas os fragmentos maiores se projetam nesse labirinto, campo de força, cabo de guerra entre a lembrança e o esquecimento. Eu, que escrevo, digo. Alguma história começa assim, como se nada fosse acontecer? Do que eu sinto mais saudade é dos cabelos dela. É certo e qualquer um pode saber, eu a amava. E por mais que ela se tenha ido, deitada para sempre com o antigo corte masculino, a boca agora séria, os dentes calados para sempre, depois das últimas palavras, Que foi que você prometeu? Guarde os meus cabelos. A caixa de comprimidos vazia ao lado da cama, eu estupefato ao lado de Carla. Acidente? Desejo de deixar a existência? Vontade de se livrar para sempre da dor? Respeitei seu desejo, ou o simples acontecimento, mas continuo a sentir falta dos cabelos dela. Aquele conjunto de fios mortos não se espalha pela casa, para que eu os encontre nos lugares mais recônditos, remexo os papéis para ver se encontro algo, em vão. A casa é imóvel, tudo o que se movia se foi com Carla e seus cabelos vivos. Mudo de posição na cadeira como se ali houvesse espinhos sempre que penso no inevitável. Sei que aos poucos será inútil guardá-la, a cabeleira, reinvenção mórbida de rapunzel. E nem de Carla conseguirei reter para sempre a já agora etérea imagem. Eu que escrevo te digo, custa muito cultivar uma lembrança.

Luciana Borges é professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão. Atualmente cursa doutorado em Estudos Literários pela UFG. Já publicou poemas e contos em Antologias Literárias e artigos sobre Literatura em revistas acadêmicas.